



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2019  |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale - UFRGS  |
| <b>Título</b>     | A maquinação esquizofrênica em Molloy                               |
| <b>Autor</b>      | FERNANDO CESARINO DE CANDIDO  |
| <b>Orientador</b> | ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR                                      |

## **A maquinação esquizofrênica em Molloy**

ALUNO: FERNANDO CESARINO DE CANDIDO  
ORIENTADOR: ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

*Molloy*, o primeiro romance escrito em francês pelo irlandês Samuel Beckett, segue em sua primeira metade a caminhada do personagem que dá nome ao livro e, em sua segunda, o percurso do agente Moran em busca de Molloy. Carregado de uma aparente negatividade perante a condição existencial, o primeiro romance que inicia a chamada trilogia do pós-guerra beckettiana é marcado em sua forma por uma certa cacofonia lógica articulada por disjunções conjuntivas e *double binds*, que suspendem qualquer valor de verdade que se queira estabelecer. Junto disso, a narrativa, por se basear nas memórias turvas dos narradores, cria um ambiente nublado em que as noções de tempo e lugar são pouco demarcadas e a própria ideia de sujeito é no mínimo posta em dúvida e, no limite, completamente obliterada. Tais recursos linguístico-narrativos conseqüentemente nos absorvem e nos puxam naquilo que se pretende chamar de devir-esquizo, perspectiva na qual se tenta entender a produção beckettiana principalmente em uma chave positiva e potente, evitando noções que partem de princípios de negação ou de falta.

Usa-se como fundamento para tal conceituação e análise do livro a filosofia da dupla composta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que possuem sua expressão mais contundente para os propósitos desse trabalho no livro *Anti-Édipo*. Tendo como base um cânone filosófico spinozista e nietzschiano, há no *Anti-Édipo* uma proposição altamente radical de se pensar a realidade e a sociedade a partir de uma produção de desejos e do conceito de máquina, a fim de privilegiar o paradigma do esquizofrênico e não do neurótico na estruturação do inconsciente. Parte-se então desta base para pensar 1) de que maneira se dá o funcionamento e o maquinamento do esquizofrênico nesse escrito de Beckett, 2) quais são suas possibilidades e 3) suas relações inevitáveis com o nosso sistema vigente, o capitalismo, a fim de delinear de maneira preliminar algo que talvez possa se entender como uma ontologia esquizofrênica, ou nos termos deleuzianos e guattarianos, uma desterritorialização absoluta.

### **Referências**

**DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.** O Anti-Édipo (1973). São Paulo: Editora, v. 34, 2010.

**BECKETT, Samuel.** Molloy. Globo Livros, 2007.